

O QUE É ISTO, A GUERRA? WHAT IS THIS, WAR?

“De todos a guerra é pai, de todos é rei” --- Heráclito, 544 A.C.

Bruno Barros Ferreira¹
Wellington Lima Amorim²

RESUMO: A partir da filosofia de Heráclito (Sec. V, A.C), o conto encampa o realismo fantástico para contar uma versão da história do personagem Laurêncio, que, assim como o leitor, experimenta as contradições do homem comum no interior de suas circunstâncias particulares. Trabalhando substancialmente com a ideia de que as coisas podem ser uma e outra coisa ao mesmo tempo - sem que isso implique uma contradição insuperável -, o texto aborda a história fictícia de um personagem que não sabe lidar com o vai-e-vem dos afetos que o atravessam e dos impasses oriundos de suas experiências. Confuso com as coisas que ao mesmo tempo são muitas, o personagem atravessa a vida sem compreender a dor, metaforicamente interpretada como se fosse um segredo, que mora dentro de si. Ao retomar o conceito de enantiodromia pensado por Carl Jung, em alusão ao pensamento de Heráclito, os contrários são trabalhados como parte constituinte da existência, verdadeiro fio condutor da vida humana.

Palavras-chave: Heráclito; Enantiodromia; Opostos

ABSTRACT: Based on the philosophy of Heraclitus (5th century BC), the story embraces magical realism to present a version of the character Laurêncio's tale, who, like the reader, experiences the contradictions of an ordinary man within his particular circumstances. Working substantially with the idea that things can be both one thing and another simultaneously — without this implying an insurmountable contradiction — the text explores the fictional story of a character who cannot deal with the ebb and flow of emotions that traverse him and the dilemmas arising from his experiences. Confused by things that are many at once, the character moves through life without understanding pain, metaphorically interpreted as if it were a secret dwelling within him. By revisiting the concept of enantiodromia as thought by Carl Jung, in reference to Heraclitus' ideas, opposites are addressed as a constitutive of existence, the true guiding thread of human life.

Keywords: Heraclitus; Enantiodromia; Opposites

Unidade, multiplicidade e a relação entre os dois; um, tudo, e tudo-um: a guerra reside justamente nesse lugar representado pelo hífen, na tensão entre os polos antitéticos, que, antagonizados, passam a comportar uma estranha harmonia, nascida das coisas contrárias colocadas em luta, frente a frente: amor, ódio, amor-ódio. Da oposição, nasce a comunicação entre elas e, paradoxalmente, a guerra é aquela capaz de unir opostos sem

¹ Bacharel em Direito, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, brunobarrosff@gmail.com

²Doutor em Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: wellington.amorim@gmail.com

apagar as diferenças, como um fio que conduz a vida a partir das suas contradições, de todos é pai, de todos é rei. Laurêncio sentia dores crônicas desde o primeiro dia que experimentara a brisa quente da vida; escapadiço, pulou do ventre materno, escorregou pelas pernas e, com os olhos estatelados, descansou sobre o piso molhado pelo líquido que até então o amortecia dos balanços da barriga dilatada. Pequenino, destituído das palavras do mundo, Laurêncio acusava o abdome, às vezes o peito, indicando que alguma coisa incômoda, sem nome e sem endereço fixo, se passava dentro do corpo. O garoto crescia, ganhava tamanho, embora mirrado, e o mundo se apresentava aos poucos, com rodeios típicos de quem se sente culpado, como se àquela criança tivesse negado alguma coisa preciosa. Devagarinho, chegavam as palavras, primeiro as mais óbvias; assim que reuniu um número suficiente delas, Laurêncio escolheu, no catálogo que dispunha, uma em especial, embora não a mais ajustada, para designar aquilo que desde o nascimento passeava dentro de si: dor; Laurêncio chamou aquilo de dor.

Uma vez rotulado o afeto conforme o repertório disponível, foi preciso buscar o médico, quem poderia, em última análise, diagnosticar o menino e, ainda mais importante nesse caso, escolher um outro nome, mais apropriado, porque as dores são muitas e para cada uma existe um título específico e um remédio equivalente. O doutor Firmino, não só porque era o único, se apresentava como o médico mais adequado para a incumbência, já que, há quase nove décadas, cuidava das mazelas que atravessavam os moradores daquela cidade. Como ninguém, para além do diagnóstico, poderia rastrear de onde vinha a alegada dor: se da família, herança maldita de algum tronco da árvore genealógica que conhecia intimamente, muito provavelmente; ou, se dos céus, caso em que não haveria discussão, para o qual o único remédio seria a resignação.

De frente para o doutor, instado a explicitar o que sentia, Laurêncio, pobre em definições, escorregava o dedo indicador pelo corpo, saindo da cabeça, passando pelo coração, estômago, intestino, como se a dor fosse o próprio corpo, como se o corpo fosse feito de dor. Parecia, conforme levava a crer, que ela havia se apropriado do espaço inteiro e, com o aparente propósito de confundir seu hospedeiro, transitava por lugares diferentes, sem, no entanto, fixar-se, e assim proporcionava mais do que simples dor: afetos vários, confusos, ambíguos. Depois de colocar a língua para fora, dar o peito ao estetoscópio e ficar na ponta dos pés por segundos que mais pareciam anos, o doutor, resoluto, bateu o martelo ali mesmo: não era dor, muito menos doença. Laurêncio, aos olhos da medicina, era

portador de um segredo congênito, que, de tão particular, nem mesmo ele conhecia o seu teor, embora pudesse descobri-lo ao longo da vida. O mirrado sofre de segredo de nascença, disse o médico, para o qual não há tratamento se não desvendar.

Caberia ao menino, pois, interpretar as pistas que o segredo deixava em seu próprio corpo, para que um dia, quem sabe, pudesse acessar o seu conteúdo. Segundo a orientação do especialista, essa era a maneira do segredo crônico denunciar a sua existência e, portanto, era preciso entender o lugar de onde falava e o sentimento que invocava, à luz das circunstâncias do mundo. Não era tarefa fácil, sobretudo para um garoto franzino de literalmente poucas palavras, que a partir daquele momento precisaria dar nome ao que sentia no tempo da vida, e não no seu. Seria preciso conhecer o mundo de dentro e o mundo de fora, dois mistérios infinitos, para então cotejá-los, em relação, como um quebra-cabeças cujas peças faltantes não se encontram na caixa, mas dentro do coração.

O maior desafio, destacou o médico em suas palavras finais, são as mensagens cifradas, as pistas disfarçadas. Para revelar o segredo seria necessário, antes de mais nada, conhecer-se, ainda que isso implicasse reconhecer em si o que, nos outros, evoca nojo. O espelho seria um amigo leal nessa jornada e, de toda a língua portuguesa, a interrogação seria a ferramenta mais conveniente para provocar a sua revelação, como se estivesse embarcando em uma jornada para convencer uma flor bela mas espinhosa a desabrochar. A partir de então, os sonhos noturnos deveriam ser colocados sob severo escrutínio, para fazê-los denunciar alguma pista valiosa sobre o segredo que, como a natureza, ama ocultar-se. Toda palavra imaginada mas não dita e toda palavra dita mas não pensada estaria sujeita a um rito rigoroso de investigação, a par de identificar se, por detrás da intenção ou do deslize, morava algum vestígio, algum sintoma.

Em um certo sentido, todavia, Laurêncio gozava de um raro privilégio: saber, desde cedo, que um segredo de nascimento nele fazia morada, ainda que seu conteúdo demandasse uma laboriosa busca para ser descoberto. É perfeitamente possível passar uma vida inteira sem saber que é portador de um segredo congênito, lembrou o médico, e morrer agarrado com ele, como um presente que nunca se desvencilha do seu embrulho, verdadeira maldição. Bom ou ruim, fato é que rapidamente a notícia se espalhou pela cidade, como se o próprio segredo houvesse sido revelado. Laurêncio tinha sido premiado ou castigado, premiado e castigado, diziam as vozes difusas, porque carregava dentro de si um tesouro-maldição, o que era o suficiente para que o povo o colocasse ao lado de outras figuras mitológicas ---

como era o caso do próprio doutor Firmino, que, para alguns, contava com duzentos e trinta e dois anos de idade e não era natural desse planeta ---, passando a existir mais no imaginário do que na vida real.

Muito embora a existência do segredo não incomodasse particularmente o garoto nos estágios iniciais de sua vida, os rumores suscitavam a curiosidade e o medo das pessoas em geral, que se aproximavam sempre com reservas, por cautela ou preconceito, cautela e preconceito. A vida fez brotar um oceano de contradições no pequenino, que desde então acolhera e rejeitara a sua sina, que dele fazia um ser insólito e sozinho. Aprendeu a amar na mesma intensidade que soube detestar, e ajudou tantas pessoas quanto atrapalhou. Espalhou palavras virtuosas por alguns lugares por que passou, e na mesma medida desejou mal àqueles que, inadvertidamente, cruzaram o seu caminho em um dia ruim. Experimentou a gratidão divina nas manhãs mais felizes e amaldiçoou os dias em que os planos do universo não coincidiram com os seus; amou de maneira genuína o Bem, mas não deixou de amar egoisticamente o que queria só para si; odiou com vigor quando tinha razão para odiar, e odiou gratuitamente também.

Nos momentos difíceis, rezou com a certeza de que do outro lado era ouvido com atenção, mas não deixou de rogar praga aos deuses, que, por serem muitos, poderiam não ser nem um no fim das contas. Apreciou com regozijo os momentos felizes da vida, mas questionou o mundo por que eles eram tão poucos e raros. Por diversas vezes, acordou entusiasmado com as perspectivas do dia que começava e foi deitar-se com vontade de nunca mais acordar. Com a idade, Laurêncio observava cada vez menos as orientações do médico para tentar compreender o mistério que trazia consigo. Não bastasse ser, aos olhos dos outros, o caricato portador de um segredo congênito, teria ainda que se submeter ao escrutínio diário da consciência, para rever e avaliar tudo o que transitava em sua alma, corpo e coração, e ao mesmo tempo pelo mundo, como se mil olhos estivessem à sua disposição para acompanhar uma sinfonia em movimento. Coisa demais, tempo demais, pesado demais.

Laurêncio percebeu que o empreendimento de olhar para si amplificava a dor que carregava, como se desrespeitasse o tempo biológico de uma ferida que sempre esteve aberta. Tinha a sensação de que quanto mais se esforçava para compreender os sinais trocados, ambivalentes, e quanto mais se aproximava da ponta solta do embrulho que abrigava o segredo, mais claro enxergava o próprio âmago e mais constrangimento

experimentava. Ninguém é obrigado a alcançar o fundo da alma, pensava consigo, de grado das coisas escuras e feias. Visitar constantemente os grotões da existência faz esquecer das coisas limpas que se manifestam do lado de fora, por mais superficiais e por vezes irreais que sejam. Aos poucos, foi deixando a hercúlea tarefa de lado para seguir os desígnios de uma existência ordinária, embora um tanto quanto envergonhada. Adulto, Laurêncio escolheu a casa mais distante da cidade para morar, localizada no ponto mais alto de uma colina sem vida, aonde só chegava quem conhecia de perto suas sinuosas trilhas. Do alto e de longe, mantinha a distância que precisava para sobreviver, e protegia o segredo para que ninguém, sobretudo ele, pudesse descobri-lo.

A missão de conquistá-lo para conhecê-lo foi paulatinamente substituída pela obsessão de escondê-lo, como se pudesse antecipar um conteúdo desapontador. Laurêncio cedeu o banco do motorista da sua existência para o inconsciente, que pilotava de maneira imprudente enquanto mentia sobre o destino da viagem. Os assuntos incômodos não eram mais abordados e, para as questões que demandavam reflexão e autocrítica, buscava respostas nos axiomas prontos e acabados. Com as ideias em caixas, rechaçou as dúvidas, apagou as nuances, simplificou as teorias mais complexas sobre o funcionamento do universo e passou a defender convicto o que nunca acreditou. Refutou o que de podre enxergou no mundo, da porta pra fora, e reconheceu em si, da porta pra dentro. Tudo em nome da estabilidade do segredo que, para ele, não poderia deixar de sê-lo: eternamente seu, eternamente sigilo.

Durante a vida, olhou nos olhos de quase ninguém com sincera ternura, exceto os de Nino, um adolescente traquinas que não demorou para se virar em meio à trilha da colina e encontrar a casa onde, segundo ouvia falar desde sempre, um segredo, que poderia muito bem ser um tesouro valioso, estava guardado sob muitas chaves dentro da alma de um ser cuja existência corpórea não estava provada. As primeiras tentativas de aproximação despertaram a cólera de Laurêncio, que estremecia com o estralo do pedregulho zombeteiramente arremessado contra o telhado da casa, ou com a correria das galinhas pelo quintal, perseguidas pelo moleque como se fosse a última opção para o jantar. Divertia-se com o assombro do morador da colina, que saía à porta para mandá-lo aos quintos a cada nova peça pregada. Testava novas ferramentas para incrementar a zombaria, e maravilhava-se com a possibilidade de potencializar a velocidade da pedra catapultada com um simples

elástico preso em dois eixos independentes, como o arco faz com a flecha. Por que razão, questionava-se, uma vez esticada contra o peito, seguia na direção inversa?

Até o dia em que, habituado, Laurêncio esperava pelo estralo do telhado, o cacarejar desesperado do galináceo. Não demorou muito para que estivessem os dois juntos a apanhar verduras na horta, rastelar as folhas acumuladas no chão de terra, espalhar o milho e regar as plantas. De repente, sem que fosse preciso dizer nada, Nino fazia parte da rotina da casa, e sua presença era esperada pelo anfitrião com borboletas no estômago. Dormiam juntos na rede esticada do lado de fora, fixa entre os dois pés de abacate, e pareciam viver um milagre divino, materializado em um encontro sem pé nem cabeça, entre o ranzinza e o travesso, o velho e o novo, o que nada mais esperava do mundo e o que não se dava por satisfeito.

Certo dia, assim como todos os outros, caíram no sono durante o ritual do balanço da rede. Dessa vez, todavia, Nino se demorou e ficou para observar Laurêncio, que esboçava um sorriso amargo enquanto navegava pelas águas turvas de um sonho profundo. Sem conseguir conter a curiosidade e o espírito intrometido que lhe era característico, apressou-se para adormecer com a hipnose do vai-e-vem da rede, e, sem permissão alguma, pegou carona: sonharam juntos o mesmo sonho. O pirralho só não imaginava que, em razão da guarda baixa da consciência, era exatamente nesse momento que o segredo dava as caras, espalhando pistas pelo chão dos universos fragmentados que aleatoriamente se formavam em sonho. Entre um cenário e outro, Laurêncio percebeu que Nino sonhava o seu sonho e, ao se dar conta de que aos poucos se embestia do seu segredo, perdeu a linha, assim como tantas outras vezes perdeu, e violentamente foi ao seu encontro para impedir que absorvesse uma partícula sequer do mistério.

Foi com tanta força, com tanta sede, que não se deu conta de que, para obrigá-lo a cuspir os pedacinhos do segredo desembrulhado feito um bombom, sacudiu o garoto pelo pescoço por tempo suficiente para impedir que o ar de fora chegasse aos seus pulmões e o de dentro fosse devolvido à atmosfera, a via de mão dupla da vida corpórea. Acordou num pulo, e viu diante de si, mais precisamente em seu colo, o corpo molenga de Nino, sem um pingo de vida, sem um restolho de ar. A tragédia, fruto da raiva indomada que habitava o seu ser ao lado de tantos outros afetos, desnorteou o velho coitado, que escorregou pela rede e, com os olhos estatelados, caiu de cama. Daquele dia em diante, e em todos os instantes de

vida subsequentes, contorceu-se em remorso e alívio, por matar o amigo, por manter a salvo o segredo.

Hipnotizado pela monotonia da cólera, adormeceu e voltou a sonhar. Dessa vez, seu algoz foi próprio segredo que, tomado por ira e amparado por ideais emancipatórios, reclamou independência do seu corpo. Inflexível, levantou a bandeira da liberdade e passou a trilhar o caminho de saída; resoluto, o segredo refutou os argumentos contrários que tentavam dissuadi-lo, inclusive aqueles apresentados pela Vergonha, que se antecipou para adverti-lo de que não suportaria o constrangimento externo. De lado a lado, nada adiantou. Sem que ninguém refluisse, o segredo alcançou a porta de saída do corpo doente e, na iminência de conhecer a vida lá fora, foi surpreendido pela raiva sem dono de Laurêncio, que violentamente o obrigou a levar as próprias mãos ao pescoço, estreitando a via de acesso, a via de mão dupla da vida. Quando não restava um sopro de ar dentro do peito, seu corpo morreu e, só depois, cessaram as mãos, que, à revelia da vida, que àquela altura já driblara a carne para alcançar o paraíso, continuaram a amassar a glote para certificar o sucesso.

Heráclito nasceu em Éfeso no século V antes de Cristo e, por diversas razões, dentre elas a personalidade reclusa e a maneira poética de traduzir suas ideias, ficou conhecido para a história como “O obscuro”. Muito do que se sabe a seu respeito e de sua obra fragmentada, no entanto, decorre dos mitos que foram construídos ao longo do tempo, transmitidos de geração para geração. Segundo uma das muitas versões sobre sua morte, a mais trágica certamente, Heráclito era portador de uma doença conhecida como hidropsia, caracterizada pelo acúmulo desenfreado de líquido no corpo. Certa feita, com o escopo de drenar toda a água que o inundava, enterrou-se na terra cheia de esterco, esperando que o excesso de calor o desidratasse e levasse embora todo o líquido excedente. Com o cair da noite, ainda imerso, foi surpreendido por dois cães selvagens que, confundidos pelo odor fétido, acreditando tratar-se de uma carniça, devoraram-no impiedosamente. Também não há, aqui, uma versão oficial a respeito da vida e da morte de Laurêncio: como é próprio das mitologias, novas camadas são adicionadas ao longo do tempo e versões dissidentes vão surgindo, à medida que a história é reproduzida e recontada; a cada nova interpretação surge uma nova possibilidade, um caminho alternativo, um desfecho inédito. De acordo com a versão mais conhecida da nossa história, o doutor Firmino, para determinar a causa, abriu o corpo morto de Laurêncio da cabeça aos pés, certo de que o motivo da morte estaria escondido nos escombros das vísceras. Pôde constatar, sem muito esforço, que o segredo semi-embrulhado

jazia dentro do coração, que parou de trabalhar em sístole quando o sistema fora desligado. Resoluto, como de costume, o doutor bateu o martelo ali mesmo: morreu de engasgo, em decorrência do segredo. A hipótese mais provável era a de que ele havia tomado consciência de si e, imbuído de autonomia, forçou a passagem para sair do corpo sem tomar o devido cuidado.

Observando a dinâmica do movimento dos contrários propugnada por Heráclito quinhentos anos antes de Cristo --- amor, ódio, amor-ódio ---, Carl Jung, muito mais tarde, para ilustrar o funcionamento da psicologia humana, chamou de enantiodromia a tendência que uma força tem de, ao ser levada ao seu limite, caminhar na direção contrária, transformar-se em seu oposto, como um mecanismo de equilíbrio da vida --- “Ignoram com o divergente consigo mesmo concorda: harmonia de movimentos contrários, com o do arco e da lira”. Nino partiu sem entender que a razão que explica a trajetória da pedra esticada para trás na direção contrária é a mesma que ilustra a súbita transformação das borboletas no estômago em impulso desgovernado, do sono tranquilo em ação desesperada, da ira nascida do primeiro encontro em saudade, do amor em ódio, amor-ódio. Partiu sem descobrir que as coisas podem ser, ao mesmo tempo, uma e outra, mesmo que contraditórias; sentimentos antitéticos podem habitar o mesmo coração sem desnaturá-lo ou comprometer sua função vital de distribuir vida para todas as células, da mesma maneira que a terra fértil pode ser lugar para flores coloridas e espinhosas, frutos saudáveis e venenosos, e ser o acaso das coisas que nascem e destino para as coisas que morrem.

REFERÊNCIAS

COSTA, Alexandre. **HERÁCLITO: Fragmentos Contextualizados**. São Paulo. Editora Odysseus, 2021.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro. DIFEL, 2009.

HEIDEGGER, Martin. **HERÁCLITO: origem do pensamento ocidental**. Dumara. Rio de Janeiro. 1998.